



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

TIAGO NASCIMENTO DOS SANTOS

**PSICOLINGUÍSTICA E PENTECOSTALISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA
SOBRE A GLOSSOLALIA NO ESCOPO DAS CIÊNCIAS COGNITIVAS**

Belém-PA

Abril/2024

TIAGO NASCIMENTO DOS SANTOS

**PSICOLINGUÍSTICA E PENTECOSTALISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA
SOBRE A GLOSSOLALIA NO ESCOPO DAS CIÊNCIAS COGNITIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras Português pela Universidade Federal Rural da Amazônia, sob a orientação da Prof^a. Dra. Ana Paula Martins Alves Salgado.

Belém-PA

Abril/2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas da Universidade Federal Rural da Amazônia
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237p Santos, Tiago Nascimento dos
Psicolinguística e Pentecostalismo : uma revisão sistemática sobre a glossolalia no escopo das
ciências cognitivas / Tiago Nascimento dos Santos. - 2024.
24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Letras/Português, Campus Universitário de
Belém, Universidade Federal Rural Da Amazônia, Belém, 2024.
Orientador: Profa. Dra. Ana Paula Martins Alves Salgado

1. Psicolinguística. 2. Pentecostalismo. 3. Glossolalia. 4. Ciências Cognitivas. 5. Teologia
Pentecostal. I. Salgado, Ana Paula Martins Alves, *orient.* II. Título

CDD 410.19

TIAGO NASCIMENTO DOS SANTOS

**PSICOLINGUÍSTICA E PENTECOSTALISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA
SOBRE A GLOSSOLALIA NO ESCOPO DAS CIÊNCIAS COGNITIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras Português pela Universidade Federal Rural da Amazônia, sob a orientação da Prof^a. Dra. Ana Paula Martins Alves Salgado.

Belém (PA), 10 / 04 / 2024

Banca Examinadora

Orientadora: Dra. Ana Paula Martins Alves Salgado

Membro 1: Dr. Marilio Salgado Nogueira

Membro 2: Dra. Carlene Ferreira Nunes Salvador

Belém-PA
Abril/2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela sustentação mediante sua graça e misericórdia durante toda a minha existência.

A minha mãe, Maria José, por todo o amor, dedicação, cada ensinamento e cada oração.

Aos meus irmãos, Elielson, José Carlos, Antônio Carlos, Daniele e Lídia, pelo apoio de sempre.

A minha amada, Maelen, pelo companheirismo, confiança, paciência e afeto de todos os dias.

Aos caros amigos, Débora Almeida, Erick Roberto, Gabriel Ferreira, Gabriel Mendonça, Tiffany Figueiredo e Vinícius Luz, por terem tornado essa jornada mais leve e prazerosa.

A minha orientadora, Ana Paula, por e pelas oportunidades oferecidas e por todo o aprendizado repassado.

A minha tia, Edilzabete, e, meu primo, Paulo, pela acolhida.

Ao meu pastor, Josadaque Santos, e aos demais amigos e irmãos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Boa Vista do Gurupi-MA, por constituírem meu lugar de refrigério e comunhão.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1	O falar em línguas (glossolalia e xenolalia)	6
2.2	O Pentecostalismo e a evidência inicial	7
2.3	Êxtase, transe e corporalidade pentecostal	9
2.4	Pensando em línguas (experimentando a experiência pentecostal).....	10
3	METODOLOGIA	12
3.1	Fontes de pesquisa e seleção preliminar dos estudos	12
3.2	Filtragem dos estudos	13
3.3	Seleção final dos estudos.....	13
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
4.1	Aprendizagem verbal e estatística	17
4.2	Estados alterados de consciência.....	18
4.3	Funcionamento cerebral	19
4.4	Linguagem, emoção e fé	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFRÊNCIAS	24

PSICOLINGUÍSTICA E PENTECOSTALISMO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE A GLOSSOLALIA NO ESCOPO DAS CIÊNCIAS COGNITIVAS

Tiago Nascimento dos Santos¹
Ana Paula Martins Alves Salgado²

RESUMO: A glossolalia é um fenômeno linguístico e religioso rodeado por polêmicas e controvérsias. Caracterizado pela vocalização de sons humanamente incompreensíveis ou não decodificáveis em qualquer língua natural (o que sugere uma possível linguagem celestial ou “*língua dos anjos*”) por ação e influência do Espírito Santo, tem figurado como objeto investigativo de pesquisadores das mais diversas áreas das ciências humanas e não somente da teologia. Neste ensejo, este trabalho investiga o fenômeno glossolálico a partir das ciências cognitivas que se ocupam de estudar a linguagem humana. Nosso objetivo foi realizar uma revisão sistemática na literatura recente (2003-2023) sobre a glossolalia em pesquisas psicolinguísticas e neurocientíficas em geral, contrastando os achados e abordagens metodológicas com os pressupostos da teologia pentecostal. Justificamos nossa iniciativa pela oportunidade e a real necessidade de formular uma base teórica que oriente futuras empreitadas investigativas, principalmente pesquisas multidisciplinares, acerca do fenômeno. Teoricamente, a partir de Siqueira (2023), define-se a glossolalia do ponto de vista da teologia bíblica e aponta-se a diferenciação entre transe e êxtase. Por meio das análises históricas e sociológicas de Mariano (1999), Araújo (2016) e Freston (1993), compreende-se a heterogeneidade do movimento pentecostal e, com base em Kenedy (2013), definimos as atuações da psicolinguística e da neurolinguística como ciências cognitivas. Portanto, realizamos busca nas plataformas Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDBTD, Google Acadêmico e *Science Direct (Elsevier)*, usando os descritores e critérios de seleção pré-definidos. Como resultado, selecionamos 11 trabalhos que foram classificados em quatro categorias de análise de acordo com suas abordagens e propostas de discussão. Com isso, analisamos trabalhos que exploraram as possibilidades de aprendizagem verbal e estatística da glossolalia, os estados alterados de consciência durante a manifestação extática, as alterações e atividade cerebral durante a prática glossolálica e a complexa relação entre linguagem, emoção e fé. Após discorrer sobre cada uma dessas categorias, conclui-se que glossolalia permanece sendo um fenômeno complexo que impõe diversas limitações para a análise científica comum, necessitando, portanto, de abordagens multidisciplinares que considerem além do material linguístico e cognitivo, os aspectos emocionais envolvidos na prática, oriundos de uma cosmovisão pentecostal.

PALAVRAS-CHAVES: Glossolalia; Psicolinguística; Pentecostalismo; Neurolinguística.

1 INTRODUÇÃO

No rol de pesquisas linguísticas, principalmente em psicolinguística, muito se tem buscado identificar, descrever e classificar a linguagem humana junto de seus processos de aquisição e funcionamento nos mais diversos contextos de produção e compreensão. Seja em

¹ Graduando em Letras Português. UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: tiagonascimento4578@gmail.com

² Doutora em Linguística. UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: anamarinsalves@gmail.com

estudos voltados ao âmbito educacional, seja em investigações médicas com o foco em psicopatologias, os fenômenos linguísticos sempre suscitam questionamentos que norteiam hipóteses científicas instigantes para o estudo e compreensão da capacidade humana de se comunicar.

A língua de um determinado país ou de uma determinada região constitui um elemento de representação identitária do próprio território e de seus falantes. Fazer uso de uma língua específica serve não apenas para comunicar, mas também para expressar crenças, atitudes e valores atrelados a história e a cultura de um povo. Dessa forma, aprender e falar uma nova língua significa também tomar para si aspectos históricos, culturais e representativos impregnados em seus grafemas e fonemas, o que indica a existência de algo muito além das regras e convenções de pronúncia, escrita e conversação.

Um fenômeno linguístico rodeado por polêmicas e controvérsias, mas bastante instigante para pesquisadores das diversas áreas das ciências humanas, é a chamada glossolalia, popularmente referida como “*língua estranha*”. Facilmente observado em contextos religiosos de igrejas pentecostais-carismáticas, o *dom de falar em línguas*, como definido por seus membros e seus documentos normativos, é caracterizado pela vocalização de sons humanamente incompreensíveis ou não decodificáveis em qualquer idioma natural (o que sugere uma possível linguagem celestial ou “*língua dos anjos*”) por influência e ação do Espírito Santo.

De outra forma, há ainda testemunhos de falantes monolíngues que em contextos muito específicos, falaram ou foram ouvidas falando em outras línguas que não o seu idioma materno. Neste caso, “xenolalia” é algo que se assemelha mais ao que pode ser encontrado na narrativa bíblica de Atos 2 versículos 1-13, onde o evento da manifestação do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus e seus demais seguidores, sobretudo com o fenômeno de falar noutras línguas, marca o nascimento da igreja cristã e, conseqüentemente, do movimento pentecostal, que séculos depois, viria a explodir nos Estados Unidos e daí espalhar-se por todo o mundo.

A partir dos anos 1960, vários estudos linguísticos começaram a ser desenvolvidos com o intuito de desmistificar o fenômeno glossolálico e apontar as suas verdadeiras causas e características. Nesse sentido, a pesquisa de Samarin (1972) tornou-se bastante conhecida e influenciou muitos outros estudos que postularam a glossolalia como mera imitação ou repetição aleatória dos mesmos fonemas existentes na língua materna do falante. Por outro lado, Motley (1982) notou a existência de características idiomáticas distintas nos resultados de seu experimento e defendeu a hipótese de que a glossolalia deveria possuir uma estrutura

fonética própria. Já em solo brasileiro, o trabalho de Baptista (1989) buscou compreender a eficácia simbólica da glossolalia na constituição discursiva.

Ademais, pesquisas psicológicas e neurológicas também foram e continuam sendo empreendidas sob a hipótese de distúrbios de comportamento e/ou funcionamento cerebral atípico estarem atrelados ao *falar em línguas*. Diante desse cenário, nota-se que em grande parte dos estudos a glossolalia é tomada como uma materialidade que precise ser posta em xeque para atestar sua veracidade. Portanto, as questões que levantamos são: Quais as implicações para a compreensão de um fenômeno predominantemente entendido como sobrenatural se analisado estritamente sob um ponto de vista racionalista? A diferenciação entre pentecostalismo clássico e movimento neopentecostal importaria para a coleta e análise de dados? Tomando as bases doutrinárias do pentecostalismo clássico, seria mesmo possível analisar e chegar uma sistematização racional do *falar em línguas*?

Desde o início do Movimento Pentecostal, o fenômeno das línguas estranhas tem suscitado intensos debates na esfera teológica e inspirado pesquisas nas mais diversas áreas da academia internacional. Paradoxalmente, apesar de o Brasil ser um dos países com maior número de pentecostais, aqui pouco se tem produzido a esse respeito em nível acadêmico, o que poderia ser a causa para a sustentação de tantos “espantelhos” e achismos em torno da questão. Assim, nos propomos a realizar uma revisão sistemática na literatura recente (2003-2023) sobre o fenômeno da glossolalia em pesquisas psicolinguísticas e neurocientíficas em geral, contrastando os achados e abordagens metodológicas com os pressupostos teológicos que definem e avaliam a experiência do falar em línguas como elemento formador da cosmovisão pentecostal. Essa proposta se justificava pela oportunidade e a real necessidade de formular uma base teórica que oriente futuras empreitadas investigativas. Além disso, buscou-se evidenciar a importância e a viabilidade de um campo do saber interdisciplinar, mesclando metodologias de pesquisa das ciências cognitivas e fundamentação teórica das teologias bíblica, histórica e sistemática.

Buscando atender os anseios pretendidos, este trabalho estrutura-se a partir dessa introdução que apresenta uma visão geral da proposta, seguida por uma reflexão teórica que traz não somente as conceituações bíblica e teológica da glossolalia, mas também algumas conclusões científicas que pavimentam os principais caminhos de investigação do fenômeno. Além disso, traçamos um conciso panorama histórico do movimento pentecostal moderno. Na sequência, descrevemos os nortes metodológicos assumidos para nossa pesquisa, bem como os critérios adotados para a construção da revisão. Por fim, apresentamos os estudos

selecionados e discutimos seus resultados em contraste com os pressupostos da espiritualidade e teologia pentecostal.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Do grego *glosso-* (língua) + *-lalia* (fala), *glossolalia* denota exatamente a noção de *falar em línguas*, fenômeno que encontra diversas acepções a depender da ótica sob a qual é analisado. Para as ciências, de modo geral, as manifestações glossolálicas podem ser resultado de um estado mental extático ou desregulado, configurando um distúrbio de linguagem caracterizado por neologismos e sintaxe deformada. Nesse ensejo, a linguística se preocupa em tentar encontrar e explicar os processos e elementos de construção de significado envolvidos nesse evento. A teologia, por sua vez, debruça-se sobre a discussão da atualidade do fenômeno como um dos dons do Espírito, a partir da narrativa neotestamentária, e sobre a autenticidade das manifestações no movimento pentecostal moderno.

2.1 O falar em línguas (glossolalia e xenolalia)

O evento mais conhecido e significativo sobre o falar em línguas está registrado no texto bíblico de Atos 2, versículos 1-3, quando os primeiros cristãos reunidos num mesmo lugar da cidade de Jerusalém, por ocasião do dia de Pentecostes, foram todos “*cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os capacitava*”. Nesse episódio, nota-se o que pode ser definido como *xenolalia*, ou seja, a manifestação miraculosa de línguas naturais por falante não nativos quem nem possuíam conhecimento ou fluência em determinado idioma até aquele momento. Isso se mostra evidente na narrativa bíblica quando pessoas externas ao ocorrido, vindas de outras localidades e de etnias diversas, conseguem ouvir, cada um em sua própria língua materna, o que estava sendo proferido pelos apóstolos e demais membros da congregação:

E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? (Atos 2:5-11)

A glossolalia, propriamente dita, pode englobar manifestações xenolálicas, mas refere-se principalmente a uma possível “língua celestial” que não encontra correspondência em nenhum sistema idiomático conhecido. A partir disso, surgem diversas discussões

teológicas sobre a existência de uma “língua dos anjos” com base na argumentação do apóstolo Paulo no capítulo 13 da sua primeira carta enviada aos cristãos da igreja em Corinto:

Se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, mas não tivesse amor, seria como um sino que ressoa ou um címbalo que retine. (1 Coríntios 13:1)

Para Siqueira (2023), o conceito “língua dos anjos” é uma questão complexa por haver apenas uma única referência bíblica direta sobre o assunto; haver diversas referências ao termo na literatura judaica antiga; haver discussão entre os próprios judeus do primeiro século a respeito de qual seria a língua falada no céu e, pelo fato de a expressão usada por Paulo no texto aos Coríntios se tratar de uma hipérbole. No entanto, o autor assevera que, sendo a glossolalia uma língua humana ou não, o falar em línguas é resultado de uma ação exclusiva do Espírito Santo.

Do ponto de vista de uma teologia bíblica mais ampla do Novo Testamento, é possível afirmar que o “falar em línguas” é uma linguagem não aprendida e possibilitada pelo Espírito Santo, podendo ser humana ou celestial (ou angelical). (Siqueira, 2023. p. 125)

Assim, para o Teologia Pentecostal Clássica, o falar em línguas consiste em um dom concedido exclusivamente pelo Espírito Santo e que, portanto, não pode ser adquirido ou manipulado pela vontade humana. A partir disso, faz-se necessário considerar e compreender que existem diferentes concepções teológicas e ênfases carismáticas que são marcas distintivas entre o Movimento Pentecostal Clássico e suas vertentes neopentecostais no Brasil e no mundo, fato que pode implicar diretamente na maneira como se analisa a legitimidade da manifestação glossolálica.

2.2 O Pentecostalismo e a evidência inicial

A glossolalia como dom carismático é a principal marca distintiva de um crente pentecostal clássico, pois é entendida como evidência física inicial do batismo no Espírito Santo. A busca por tal compreensão foi o que levou um grupo de estudantes americanos a debruçar-se sobre o livro de Atos dos Apóstolos e, ao final de extensa análise bíblica, postular que o falar em línguas era o que poderia indicar, no primeiro momento, que a pessoa havia recebido o batismo como um revestimento de poder. O grupo, liderado por Charles Fox Parham (1873-1929), realizou essa tarefa em cumprimento a um desafio proposto pelo próprio Parham. Após a descoberta, os integrantes iniciaram um processo de busca pelo dom que culminou numa vigília de final de ano realizada de virada século. Assim, no dia 1 de janeiro

de 1901, na cidade de Topeka, estado do Kansas, aqueles estudantes adentram o século XX recebendo o batismo no Espírito Santo e manifestando a evidência física do falar em línguas. Esse evento torna-se, então, do ponto de vista sociológico, o marco inicial do Movimento Pentecostal Moderno, apesar de historicamente podermos identificar algumas manifestações anteriores ao episódio da escola de Parham.

Em 1906, ainda nos EUA, um ex-aluno de Parham funda em Los Angeles, Califórnia, a Missão de Fé Apostólica. William Joseph Seymour (1870-1922) foi o responsável por encabeçar um dos movimentos mais emblemáticos para a fé pentecostal, o Avivamento da Rua Azusa. Como fruto desse trabalho, outro nome de grande importância para o movimento entra em cena. William Howard Durham (1873-1912), que já pastoreava uma igreja em Chicago com raízes teológicas no Movimento de Santidade dos metodistas, entra em contato direto com Azusa e sob essa influência propõe a doutrina da “Obra Consumada no Calvário” e torna-se um evangelista pentecostal de proeminência, fazendo com que até 1910 o centro irradiador do movimento mudasse de Los Angeles para Chicago. Esses três focos ocorridos logo na primeira década do século estabeleceram os EUA como o epicentro da pregação pentecostal que nos anos seguintes alcançaria países como Suécia, Noruega, Finlândia, chegando até mesmo ao Brasil.

O pentecostalismo, como movimento sociológico, possui uma clara capacidade de adaptação ao contexto social de cada localidade. Adquirindo, assim, o aspecto heterogêneo que torna seu mapeamento e classificação, tarefas extremamente difíceis para qualquer pesquisador. No Brasil, tal fato não é diferente, pois segundo Mariano (1999), “o pentecostalismo brasileiro nunca foi homogêneo. Desde o início, conteve diferenças internas.”

Congregação Cristã e Assembleia de Deus, as duas primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil, a primeira em 1910, a segunda em 1911, sempre apresentaram claras distinções eclesiais e doutrinárias, que, com o passar do tempo, geraram formas e estratégias evangelísticas e de inserção social bem distintas. (Mariano, 1999, p. 23)

De acordo com Araújo (2016), Mariano dividiu o pentecostalismo brasileiro em três vertentes, demarcando suas genealogias, seus vínculos institucionais, delineando suas principais características, confrontando suas diferenças e semelhanças, estabelecendo suas distinções, com a finalidade de ordenar a realidade observada, tornando-a inteligível e passível de análise.

Estas vertentes são: o pentecostalismo clássico (Congregação Cristã e Assembleia de Deus), o deuteropentecostalismo (Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção e várias outras de menor porte) e o neopentecostalismo (Igreja de Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da

Graça de Deus, Cristo Vive, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Comunidade da Graça, Renascer em Cristo, Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo e centenas de igrejas independentes de pequeno porte). (Araújo, 2016. p. 170)

A classificação mais famosa do pentecostalismo brasileiro é a teoria das ondas advogada por Freston (1993). Embora Araújo (2016) diga que “o conceito é mal aplicado porque essas ondas são usadas como se os três momentos do avanço do pentecostalismo fossem absolutamente iguais”, o sociólogo brasileiro adota uma abordagem histórica baseada na ordem cronológica de implantações de igreja.

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) [...] A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) [...] O contexto é fundamentalmente carioca.” (Freston, 1993. p. 66.)

A partir desse panorama histórico, entende-se que o movimento pentecostal não se trata de um grupo homogêneo. Portanto, a identificação de um crente pentecostal deve ser tratada com cuidado para se evitar generalizações até mesmo por quem faz parte do movimento. Está claro que o pentecostalismo, desde sua gênese, recebeu diversas influências e assumiu múltiplas faces ao longo de sua expansão. Conseqüentemente, pressupõe-se que o entendimento do que vem a ser e como ocorrem as manifestações glossolálicas, também encontre-se sob diferentes acepções.

2.3 Êxtase, transe e corporalidade pentecostal

As experiências espirituais, precedidas pela observância às Escrituras, são o fio condutor da genuína fé pentecostal. O próprio *falar em línguas*, bem como qualquer outra expressão corpórea, trata-se de uma experiência extática decorrente do enchimento do Espírito. Em outras palavras, estamos falando de um estado de exaltação, alegria e admiração pelo divino que faz com que o indivíduo possuído manifeste fisicamente o que vivencia espiritualmente. No entanto, é preciso entender o que, de fato, vem a ser o êxtase na prática pentecostal.

Siqueira (2023) faz uma diferenciação entre êxtase e transe com vistas a distinguir a experiência pentecostal de outras expressões cúlticas observadas em religiões pagãs e animistas que, em alguns casos, até fazem uso de substâncias entorpecentes se chegar ao

estado de transe, resultando em uma suspensão total da consciência ou limitação das faculdades mentais durante a prática de adoração.

O êxtase (gr., *éktasis*, do verbo *exístemi*, que significa “sair do lugar”) é um estado de emoção intensa que envolve prazer e temor; é um deslocamento, um deslumbramento. Durante o êxtase, a mente está consciente, mas distante dos objetos e do ambiente ao seu redor, enquanto foca totalmente na manifestação divina avistada e/ou sentida. O transe (lat., *transire*, no sentido de “passar de um lugar para outro”) é sinônimo de manifestação sem controle e de suspensão da racionalidade. (Siqueira, 2023. p. 27)

Nesse sentido, o êxtase pentecostal não é sinônimo de irracionalidade como bem já havia pontuado Tillich (2005) ao dizer que “a ‘razão extática’ continua sendo razão; ela não recebe nada irracional ou antirracional – o que não poderia fazer sem se autodestruir, mas transcende a condição básica da racionalidade finita.”

Acerca da corporalidade pentecostal, ou seja, das formas de expressar fisicamente sentimentos e intensões por meio da movimentação corpórea, Siqueira (2023) afirma que “diferentemente, do cristianismo protestante convencional, que é extremamente racionalista e, com frequência, faz da liturgia uma sala de aula, o pentecostalismo colocou o corpo como elemento de expressão de adoração e encontro com Deus.”

Diversas manifestações corporais estão presentes na liturgia pentecostal: mãos levantadas, danças, pulos, palmas, gritos, marchas, lágrimas. O corpo é o meio pelo qual percebemos e interagimos com o mundo ao redor, incluindo o mundo espiritual. É o “espaço” privilegiado para entender a fé como realidade viva e autêntica, a saber, a fé encarnada. (Siqueira, 2023. p. 30)

Portanto, a prática cültica pentecostal é composta pela experiência extática racional, onde em nenhum momento o experienciador perde o controle de suas faculdades mentais, mas dá liberdade ao Espírito para que este lhe fale ao consciente, revelando-lhe os mistérios da fé, capacitando-o para testemunho da mensagem salvífica e produzindo-lhe a alegria extravagante que poderá ser expressada fisicamente por meio de movimentos corporais e vocalizações de exaltação, seja em língua natural, seja em língua estranha.

2.4 Pensando em línguas (experimentando a experiência pentecostal)

No campo da linguística moderna, vários estudos foram empreendidos a partir dos anos 1960 com o intuito de desmistificar o fenômeno glossolálico e apontar as suas verdadeiras causas e características. Samarin (1972), em sua pesquisa mais famosa sobre o tema, postulou que as manifestações glossolálicas “não são línguas naturais e são diferentes

das línguas naturais em aspectos muito significativos, embora as características sejam compartilhadas”. Dessa forma, elas não passariam de recombinações usando os fonemas já existentes na língua materna do falante.

A glossolalia é um comportamento verbal que consiste em usar um certo número de sílabas que são, por sua vez, organizadas em unidades maiores as quais são reagrupadas, produzindo vocalizações intercortadas de pausas e silêncios de durações variadas combinadas com variações de tonalidade, volume, rapidez e intensidade. (Samarin, 1972. p. 120)

Motley (1982), por seu turno, contesta boa parte das pesquisas linguísticas e psicológicas anteriores. Em seu trabalho, apontou que a glossolalia apresenta características idiomáticas próprias e distintas das línguas naturais, indicando assim que não se trata apenas de uma imitação ou repetição de traços fonêmicos de uma língua natural.

As diversas e grandes probabilidades de transição de combinações consonantais na *glossolalia* implica que a própria *glossolalia* é foneticamente estruturada, em vez de foneticamente aleatória, e as diferenças entre as probabilidades particulares de encontros consonantais entre a língua inglesa e *glossolalia* implica que a estrutura fonotática da *glossolalia* não é regida pelas tendências fonotáticas do inglês. (Motley, 1982. p. 18).

Baptista (1989), analisando a construção discursiva da glossolalia no ambiente religioso pentecostal, conclui que o perfil do falante de línguas é de um “sujeito vazio que precisa, e deseja, ser cheio pelo Espírito Santo” para assim falar. Ou seja, entende que o ato de fala e o próprio conteúdo do discurso não são produtos da vontade ou criação humana.

O único sentido da glossolalia é produzir uma “economia do sagrado” em que o homem continua não sendo fonte do seu próprio discurso e, portanto, nem dono do seu próprio destino. (Baptista, 1989. p. 294)

Para a autora, “não importa se a glossolalia é realmente (e ela até é...) grupos respiratórios, sequências fônicas destituídas de significado, miragem de língua, pseudo-língua.”, pois assume uma perspectiva baseada na fé dos que acreditam naquilo que não se pode ver, mas que resgata o sentimento das pessoas.

Mais recentemente, Smith (2020) propôs uma abordagem a partir da filosofia da linguagem, “à luz de três modalidades contemporâneas: a fenomenologia, recorrendo a Husserl e Derrida em especial; a hermenêutica filosófica, com base em Heidegger e Gadamer; e a teoria dos atos de fala na vertente de Austin e Searle”. Assim, a análise fenomenológica questiona a essência da glossolalia, buscando entender o que significa "falar em línguas". A

hermenêutica se concentra na interpretação e no sentido dessa prática, enquanto a teoria dos atos de fala examina a ação em si: o que se realiza ao falar em línguas e quais seus efeitos.

Pensar a glossolalia a partir de sua estrutura fonética ou morfológica em contraste com as línguas naturais, até mesmo da sua simbologia ou das questões filosóficas a ela relacionadas, sem sombra de dúvida, são atividades muito produtivas para a academia. No entanto, destacamos aqui a possibilidade de se considerar os pressupostos da psicolinguística e da neurolinguística para a investigação do fenômeno glossolálico e os processos cognitivos envolvidos nessa experiência.

Apoiada nos pilares gerativistas de Noam Chomsky, a psicolinguística, conforme Kenedy (2013), “caracteriza-se como uma ciência empírica cujo objetivo é investigar de que maneira as crianças adquirem uma língua natural e como os indivíduos adultos produzem e compreendem palavras, frases e discursos no tempo real da comunicação cotidiana”.

A psicolinguística é uma ciência empírica, que utiliza os métodos e as técnicas da psicologia cognitiva como instrumento de pesquisa acerca da aquisição e do uso das línguas naturais. Como é possível imaginar, a psicolinguística pode ser uma disciplina fortemente inter-relacionada à teoria linguística no conjunto das ciências cognitivas. (Kenedy, 2013. p. 19)

A neurolinguística, por sua vez, busca “compreender os mecanismos cerebrais que dão origem à linguagem humana”. Kenedy (2013) ainda pontua que “enquanto a psicolinguística dedica-se ao estudo da mente, isto é, das funções cognitivas visíveis no comportamento humano, a neurolinguística ocupa-se do cérebro, seus neurônios e suas sinapses – os sistemas físicos, químicos e biológicos que dão origem à mente.

Neste ensejo, convém pensarmos nas possibilidades e/ou limitações para a psicolinguística e a neurolinguística como ciências cognitivas no estudo de um fenômeno linguístico que foge das categorias de análise convencionais.

3 METODOLOGIA

Nesta seção apresentamos os critérios de seleção dos trabalhos e a maneira como a revisão foi conduzida.

3.1 Fontes de pesquisa e seleção preliminar dos estudos

Como fontes de pesquisa foram utilizadas as bases de busca Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDBTD; Google Acadêmico e *Science Direct (Elsevier)*. A escolha de cada plataforma leva em conta as suas especificidades em proporcionar,

respectivamente, um importante acervo de publicações brasileiras, uma grande variedade de estudos disponíveis na internet e o critério de revisão por pares em suas pesquisas publicadas.

Na fase de seleção preliminar dos estudos, foram coletados trabalhos correspondentes aos seguintes termos de busca “*glossolalia*”; “*xenolalia*”; “*falar em línguas*”; “*línguas estranhas*”, aplicados em língua portuguesa nas três plataformas de busca.

3.2 Filtragem dos estudos

Aplicamos aos resultados obtidos o critério de seleção para filtrarmos somente os estudos que trouxessem em seus títulos a proposta da glossolalia sendo investigada a partir da linguística, como ciência cognitiva, ou sob viés psicológico, ou neurológico. A partir de tais critérios, os trabalhos selecionados tiveram os seus resumos lidos para que se comprove a adequação do tema à nossa proposta de investigação.

3.3 Seleção final dos estudos

A etapa final de seleção se deu mediante leitura completa dos trabalhos para conhecimento de suas abordagens metodológicas, bem como seus principais resultados. Assim, serão considerados para análise somente os estudos que atenderem aos seguintes critérios:

- Para inclusão:
Trabalhos que abordaram a glossolalia sob a ótica de teorias psicolinguísticas e neurolinguísticas, evidenciando os funcionamento linguístico-cerebral e a importância do fenômeno para a formação da identidade pentecostal;
- Para exclusão:
Trabalhos que abordem a glossolalia apenas como casos clínicos ou patológicos;
Trabalhos que abordaram a glossolalia fora do contexto de manifestação pentecostal;
Trabalhos que abordaram a glossolalia apenas sob o labor teológico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta pesquisa nos detivemos em investigar o fenômeno da glossolalia sob a perspectiva psicolinguística com vistas a observar os achados e as abordagens metodológicas empregadas em trabalhos que analisam o funcionamento cerebral e os aspectos linguísticos relacionados à experiência pentecostal do falar em línguas. A partir disso, empreendemos a primeira etapa da pesquisa que foi a busca nas três bases de dados usando os descritores pré-

definidos e aplicando um recorte temporal de vinte anos (2003-2023). Os resultados gerais de nossa busca e seleção preliminar estão classificados na tabela abaixo:

Tabela 1: Resultados da busca e seleção preliminar a partir dos descritores definidos

DESCRITORES	BDTD	GOOGLE ACADÊMICO	SCIENCE DIRECT	TOTAL
“glossolalia”	9	79	3	91
“xenolalia”	0	24	0	24
“falar em línguas”	4	28	0	32
“línguas estranhas”	1	15	0	16
Total de trabalhos	14	146	03	163

Fonte: dados da pesquisa

Na segunda etapa de seleção, foram excluídos os trabalhos repetidos do resultado geral que antes contava com um total de 163 trabalho, passando, assim, a contar 135. Em seguida, iniciou-se a leituras dos resumos para se verificar a adequação temática e investigativa. Por fim, realizou-se leitura integral dos estudos aplicando-lhes os critérios de inclusão e exclusão.

Tabela 2: Etapas de filtragem por meio de leitura e aplicação dos critérios de seleção

ETAPAS	BDTD	GOOGLE ACADÊMICO	SCIENCE DIRECT	TOTAL
Leitura dos resumos	8	124	3	135
Leitura completa	1	69	3	73

Fonte: dados da pesquisa

Após a leitura dos resumos, os 73 trabalhos que restaram foram lidos na íntegra e submetidos ao filtro dos nossos critérios de inclusão. Sendo assim, foram excluídos aqueles trabalhos que abordavam a glossolalia apenas como fenômeno patológico sob investigação médica. Além disso, apesar de o foco dessa investigação recair sobre as manifestações, exclusivamente, do contexto religioso pentecostal, também descartamos trabalhos de teologia que faziam apenas análises hermenêuticas, exegéticas ou históricas do dom. Portanto, para a análise final, foram incluídos somente estudos que tentam descrever a glossolalia a partir de teorias linguísticas, do funcionamento cerebral, da relação entre linguagem e emoção ou dos estados de consciência durante a manifestação.

A partir desses critérios, selecionamos um total de 11 trabalhos, dentre os quais 1 consta na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, 8 resultaram da busca no Google Acadêmico, e 2 estão disponíveis na plataforma Science Direct, conforme descrito na tabela a seguir:

Tabela 3: Trabalhos selecionados para análise

BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES	
1	FREIRE, Silvana Matias. Glossolalias: ficção, semblante, utopia. 2007. 107f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2007.394702
GOOGLE ACADÊMICO	
2	FRANCIS, L.J.; ROBINS, M. Personality and Glossolalia: A Study Among Male Evangelical Clergy. <i>Pastoral Psychology</i> 51, 391–396 (2003). Disponível em: https://doi.org/10.1023/A:1023618715407
3	KAVAN, H. Glossolalia and altered states of consciousness in two New Zealand religious movements. <i>Journal of contemporary religion</i> , v. 19, n. 2, p. 171–184, 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1080/1353790042000207692
4	REEVES, R. R.; KOSE, S.; ABUBAKR, A. Temporal lobe discharges and glossolalia. <i>Neurocase</i> , v. 20, n. 2, p. 236–240, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1080/13554794.2013.770874
5	HARKNESS, N. Glossolalia and cacophony in South Korea: Cultural semiosis at the limits of language. <i>American ethnologist</i> , v. 44, n. 3, p. 476–489, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1111/amet.12523
6	KÉRI, S.; KÁLLAI, I.; CSIGÓ, K. Enhanced verbal statistical learning in glossolalia. <i>Cognitive science</i> , v. 44, n. 7, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1111/cogs.12865
7	HARKNESS, N. La glossolalia, i qualia e la semiotica del sentimento. <i>Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio</i> , 2020. Disponível em: https://doi.org/10.4396/SFL2019I2
8	WALTER, Y. Neural structural changes associated with ritual glossolalia (a preliminary study): Morphometrics on the expertise of praying in tongues. <i>SSRN Electronic Journal</i> , 2021. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3837534
9	LINK, S.; TOMASCHEK, F. Predictability associated with reduction in phonetic signals without semantics—the case of glossolalia. <i>Language and speech</i> , v. 67, n. 1, p. 72–94, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1177/00238309231163170
SCIENTE DIRECT	
10	NEWBERG, A. B. <i>et al.</i> The measurement of regional cerebral blood flow during glossolalia: A preliminary SPECT study. <i>Psychiatry research. Neuroimaging</i> , v. 148, n. 1, p. 67–71, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.psychresns.2006.07.001
11	WALTER, Y. <i>et al.</i> Brain structural evidence for a frontal pole specialization in glossolalia. <i>IBRO reports</i> , v. 9, p. 32–36, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.ibror.2020.06.002

Fonte: dados da pesquisa

Os estudos selecionados apresentam os seguintes dados de abordagem metodológica:

Tabela 4: Descrição das abordagens

PROPONENTE	ABORDAGEM
Francis e Robins (2003)	Investigam a relação entre glossolalia e personalidade numa amostra de 991 clérigos do sexo masculino afiliados à Aliança Evangélica no Reino Unido a partir das respostas a uma versão curta do Questionário de Personalidade Eysenck Revisado, juntamente com uma pergunta sobre a prática da glossolalia.
Kavan (2004)	Examina a prevalência de estados alterados de consciência entre falantes de línguas cristãs, comparando-as com experiências de glossolalia entre meditadores num grupo purificador baseado em yoga chamado Luz Dourada.
Newberg <i>et al.</i> (2006)	Apresentam o primeiro estudo de neuroimagem funcional a demonstrar alterações na atividade cerebral durante a glossolalia.
Freire (2007)	Reflete sobre a produção vocal a partir de algumas questões que foram estudadas tendo como referência um material gravado – e vendido – em uma paróquia da Renovação Carismática em que um de seus membros realiza um seminário sobre o ‘dom de línguas’ e ao final faz uma oração em línguas.
Reeves, Kose e Abubakr (2014)	Descrevem o caso de uma mulher de 44 anos que apresentava espasmos clônicos no antebraço esquerdo enquanto falava em línguas e a partir dos resultados de EEG, discutem possíveis relações entre glossolalia, fenômenos religiosos extáticos e descargas elétricas do lobo temporal.
Harkness (2017)	Analisa a prática da glossolalia dentro do pentecostalismo sul-coreano, atentando para os limites das funções linguísticas “normais” e os compromissos ideológicos da própria linguagem.
Kéri e Kállai e Csigó (2020)	Exploram as possibilidades de aprendizagem verbal da glossolalia aplicando três tarefas de aprendizagem estatística (gramática artificial, sequência de fonemas e sequência de resposta visual) a 30 glossolalistas e 30 voluntários de controle correspondentes.
Harkness (2020)	Explica o processo de decomposição e recomposição verbal, à medida que os praticantes de glossolalia mudam seu foco orientacional do domínio semântico restrito da denotação para o domínio pragmático difuso do sentimento, e depois voltam para a denotação.
Walter <i>et al.</i> (2020)	Abordam as bases funcionais da glossolalia medindo a remodelação estrutural do cérebro associada à prática extensa de glossolalia em trinta especialistas.
Walter (2021)	Observa mudanças estruturais neurais num grupo de 30 cristãos glossolálicos a partir de exames cerebrais de ressonância magnética e DTI, avaliando massas de volume de área cinzenta, calculando a espessura cortical e analisando o trato de substância branca contra três variáveis de interesse.
Link e Tomaschek (2023)	Discutem a hipótese de padrões fonéticos previsíveis na glossolalia, correlacionando suas propriedades estatísticas com suas

	características fonéticas, semelhantemente ao que ocorre nas línguas naturais.
--	--------------------------------------------------------------------------------

Fonte: dados da pesquisa

A despeito de nenhum dos estudos selecionados apontar as abordagens psicolinguística ou neurolinguística como viés teórico e metodológico, observou-se a presença de conceitos e definições semelhantes, além de resultados significativos para as ciências cognitivas que estudam a linguagem. A partir da análise detalhada, classificamos os trabalhos em quatro possíveis categorias de investigação que apresentam hipóteses e resultados acerca da aprendizagem verbal e estatística, dos estados de consciência, do funcionamento cerebral e da relação entre linguagem, emoção e sentimento.

4.1 Aprendizagem verbal e estatística

Usando tarefas de gramática artificial (aprender as regras gramaticais de uma língua inventada), sequência verbal (aprender sequências de letras e números) e memória de trabalho (avaliar a capacidade de manter informações na mente), Kéri, Kállai e Csigó (2020) apontam que glossolalistas apresentam habilidades aprimoradas na detecção e aquisição de regularidades estatísticas em linguagem; essa habilidade não depende de intencionalidade, consciência ou processos semânticos; a prática da glossolalia pode levar à melhora na aprendizagem verbal estatística e não está necessariamente ligada à psicopatologia.

Analisando a distribuição de frequência das sílabas e a correlação entre probabilidade silábica e duração da sílaba, Link e Tomaschek (2023) investigaram as propriedades estatísticas da glossolalia e sua relação com a língua nativa (alemão) dos praticantes. Como resultado, pontuaram que a glossolalia possui um léxico próprio, com distribuição Zipfiana similar ao alemão; as sílabas da glossolalia são emprestadas do alemão, mas a frequência e as probabilidades de transição divergem entre as duas "línguas"; as probabilidades silábicas da glossolalia e do alemão afetam simultaneamente a duração da sílaba na glossolalia. A partir disso, concluíram que a glossolalia não é uma língua natural, mas possui propriedades estatísticas semelhantes às línguas naturais; a língua nativa dos praticantes influencia a glossolalia, mas a glossolalia também pode ter efeitos na língua nativa, pois as propriedades estatísticas da glossolalia podem interagir com as características fonéticas da língua nativa.

Em contraste com a teologia pentecostal, Siqueira (2023) argumenta que “o *falar em línguas* é uma linguagem não aprendida e possibilitada pelo Espírito Santo”. Dessa forma, vale ressaltar que para os pentecostais clássicos, o fenômeno glossolálico pode ser tanto a

produção de uma fala desconhecida, sem qualquer correspondente linguístico humano, quanto a elocução milagrosa de uma língua natural para um fim específico. Porém, em ambos os casos, o agente da manifestação é o próprio Espírito, sem o qual não pode haver nenhuma ocorrência legítima. O fato de características fonéticas da língua nativa relacionarem-se às propriedades estatísticas da fala analisada por Link e Tomaschek (2023) pode indicar uma influência negativa por parte dos praticantes, o que descaracterizaria a legitimidade do fenômeno tomado como amostra.

4.2 Estados alterados de consciência

Francis e Robins (2003) investigaram a relação entre glossolalia e personalidade numa amostra de 991 clérigos do sexo masculino afiliados à Aliança Evangélica no Reino Unido observando as respostas a uma versão curta do Questionário de Personalidade Eysenck Revisado. Dessa forma, corroboraram o que “estudos anteriores (Francis & Thomas, 1997; Loudon & Francis, 2001; Robbins, Hair, & Francis, 1999) afirmaram sobre a experiência carismática estar associada à extroversão”, também não encontrou relação entre experiência carismática e psicoticismo, nem evidências para a ligação entre glossolalia e neuroticismo.

Já Kavan (2004) examinou a prevalência de estados alterados de consciência entre falantes de línguas cristãs e comparou-as com as experiências de glossolalia entre meditadores num grupo purificador baseado em yoga chamado Luz Dourada. O estudo propõe dois tipos de glossolalia e sua relação com estados alterados de consciência: “glossolalia espontânea”, que acontece como uma vocalização intensa, originada de um estado religioso alterado, e “glossolalia dependente de contexto”, que é aprendida e praticada como ritual religioso, sem necessariamente envolver estados alterados. Além disso, pontua que o líder religioso e as crenças do grupo influenciam a ocorrência de ambos os tipos de glossolalia e os estados alterados associados, o que se verificou observando que no grupo da Luz Dourada, onde havia um líder carismático, crença em experiências intensas e apocalipse iminente, o grupo apresentou mais glossolalia espontânea e estados alterados frequentes. Ao passo que entre os cristãos pentecostais/carismáticos, em que há ênfase em doutrina e interpretação bíblica, a glossolalia é dependente do contexto e os estados alterados são menos frequentes e desejados.

As experiências pentecostais são normalmente descritas por um estado de exaltação, alegria e admiração pelo divino que faz com que o indivíduo possuído manifeste fisicamente o que vivencia espiritualmente. Por isso, estados de êxtase religioso são esperados na forma cúlrica pentecostal, conforme se vê nas palavras de Mendonça (2008):

Nesses casos, o êxtase é um estado geral dos praticantes, desejável como configuração do culto. Nesses cultos extáticos todos os participantes buscam o êxtase como ápice do ritual, momento em que ele se completa. Técnicas como movimento do corpo, gestos repetidos, cânticos ritmados e orações de intensidade crescente podem levar ao êxtase coletivo, em que o grau de alteração de consciência, embora variável de indivíduo para indivíduo, configura o culto extático. Assim a maioria dos cultos pentecostais, em maior ou menor grau, aproxima-se bastante do culto extático. (Mendonça, 2008, p. 128-129)

No entanto, faz-se necessário atentar para a definição de êxtase dada por Siqueira (2023), que difere drasticamente da de transe, uma vez que durante o êxtase, a mente está consciente, mas distante dos objetos e do ambiente ao seu redor, enquanto foca totalmente na manifestação divina avistada e/ou sentida. Ao passo que o transe é sinônimo de manifestação sem controle e de suspensão da racionalidade. Essa concepção vai ao encontro do que Tillich (2005) já havia assinalado ao dizer que “a ‘razão extática’ continua sendo razão; ela não recebe nada irracional ou antirracional – o que não poderia fazer sem se autodestruir, mas transcende a condição básica da racionalidade finita.” Dessa forma, entende-se que a prática culturalística pentecostal admite estados extáticos de experiências espirituais, mas assegura que a verdadeira manifestação do Espírito não suspende as faculdades mentais dos experienciados.

4.3 Funcionamento cerebral

Sobre o funcionamento cerebral, Newberg *et al.* (2006) analisam a forma mais dramática do “falar em línguas”, envolvendo canto, sons e experiências corporais intensas. Os dados coletados de cinco mulheres com idades entre 38 e 52 anos compõe o primeiro estudo de neuroimagem funcional a demonstrar alterações na atividade cerebral durante a glossolalia. Com isso, constatou-se diminuição da atividade no córtex pré-frontal durante a glossolalia, indicando menor controle consciente do que na meditação; nenhuma alteração significativa no lobo parietal superior, área associada ao senso de identidade; aumento da atividade na amígdala direita, associada à emoção; diminuição significativa no caudado esquerdo, possivelmente ligada à mudança no estado emocional.

Reeves, Kose e Abubakr (2014) descrevem o caso de uma mulher de 44 anos que apresentava espasmos clônicos no antebraço esquerdo enquanto falava em línguas e a partir dos resultados de EEG, discutem possíveis relações entre glossolalia, fenômenos religiosos extáticos e descargas elétricas do lobo temporal. No entanto, apesar da similaridade com padrões de epilepsia do lobo temporal, não houve uma conclusão definitiva sobre a causa, tendo em vista as limitações do estudo que foram a falta de testes psicológicos completos da

paciente e impossibilidade de gravar EEG durante a fala completa em línguas e de realizar procedimentos de ativação cerebral padrão.

Walter *et al.* (2020) investigaram se a experiência em glossolalia está associada a alterações na estrutura cerebral. Usando ressonância magnética para medir o volume de substância cinzenta e branca e, aplicando um questionário sobre a experiência em glossolalia numa amostra de 30 participantes, obtiveram os resultados de maior volume de substância cinzenta no polo frontal esquerdo e nas áreas frontais médias direitas em indivíduos que praticavam glossolalia; ausência de associação entre a experiência em glossolalia e a anisotropia fracionada da substância branca; nenhuma associação entre a experiência em glossolalia e a dimensão linguística da oração. Dessa forma, a experiência em glossolalia está associada a alterações na estrutura cerebral, principalmente nas áreas frontais. Isso sugere que a glossolalia não é um comportamento aleatório e descontrolado, mas sim uma prática que requer um certo grau de especialização cerebral, pois não depende de habilidades linguísticas específicas, mas requer o desenvolvimento de processos especializados de controle executivo; a prática pode levar à remodelação das áreas frontais do cérebro e pode até ser um caso de "reciclagem cultural" de processos neurocognitivos de produção de fala para fins religiosos e socioculturais.

Walter (2021) também explorou a relação entre a prática de glossolalia e a estrutura cerebral a partir da hipótese de que tal fenômeno recruta redes neurais específicas para essa atividade. No entanto, os resultados de seu estudo não apenas não evidenciaram nenhuma rede neural específica para a glossolalia, como apontaram que praticantes de glossolalia com maior tempo de experiência apresentam menor espessura do córtex pré-frontal ventromedial esquerdo (associado à regulação emocional); maior volume da matéria cinzenta do córtex pré-frontal ventromedial direito (associado ao controle de impulsos); menor volume da área de Broca esquerda (associada à produção da fala); aumento da espessura da junção temporoparietal esquerda (associada a atenção e experiências religiosas); aumento do volume da matéria cinzenta no lobo parietal superior direito (função incerta, possivelmente relacionada à sensação de proximidade com Deus); aumento da fibra branca no fascículo longitudinal superior direito (associado à fala e música) e aumento da fibra branca no fascículo fronto-occipital direito (função incerta, possivelmente relacionada ao processamento semântico não verbal).

Embora os resultados acima apontem dados relevantes sobre o funcionamento cerebral durante a glossolalia, devemos concordar com Rockower (2011), ao reconhecer que ainda há aspectos da experiência que requerem mais pesquisa, pois apesar das tecnologias

atuais de neuroimagem, não há como monitorar o estado cerebral de uma pessoa quando ela está falando em línguas em um culto religioso, em ambiente comunitário, que seria o contexto ideal. Além disso, também é oportuno pensarmos na importância de engajar a ciência com a fé pentecostal no século XXI, como sugere Yong (2005) ao argumentar que as perspectivas científicas sobre a experiência pentecostal são importantes e não podem ser ignoradas. Ao passo que a imaginação pneumatológica pentecostal pode oferecer insights valiosos para a discussão religião-ciência e esse engajamento pode levar a um compromisso pentecostal mais profundo e a uma práxis pentecostal concomitantemente informada.

4.4 Linguagem, emoção e fé

A tese de mestrado de Freire (2007) analisa a glossolalia como "ficção do dizer", "semblante de língua" e "utopia vocal". Inspirada em Carteau (1980) e Lacan (1975), a autora propõe uma análise da glossolalia como experiência de gozo corporal e vocal e assume a glossolalia como uma produção vocal complexa que desafia definições, pois sua natureza enigmática convida a repensar os conceitos de língua e fala. A partir dessas discussões, resultam as categorias a) ficção do dizer: a fala glossolálica não se encaixa em uma realidade social; seu significado depende de quem a escuta e valida; a fala se constrói e se legitima através da comunidade; b) semblante de língua: a glossolalia usa fonemas reconhecíveis, mas sem significado; cria um "trompe l'oreille", uma ilusão de língua; semelhante a uma pintura que simula objetos em relevo; a voz se torna um corpo que atua uma fala sem sentido; c) utopia vocal: falar para não dizer nada" busca recuperar um gozo perdido; gozo da voz "afônica", sem significado; a "glossa" se situa na língua, dando sabor à fala; recupera a singularidade e pode ser confundida com uma língua real.

Harkness (2017) explorou o tema da glossolalia dentro do pentecostalismo sul-coreano, atentando para os limites das funções linguísticas "normais" e os compromissos ideológicos da própria linguagem. Em sua análise observou a existência de uma efervescência coletiva através da glossolalia em que pessoas engajadas em oração (os que oram) suprimem as funções normais da linguagem e da comunicação. Elas se concentram em um significado espiritual intensificado por meio de sons como tom, ritmo e tempo. Essa intensidade colaborativa é o objetivo, criando uma cacofonia ancorada em um ritmo e tom central e que se torna a fonte de poder para orações posteriores que retornam à comunicação clara. A glossolalia permite uma conexão secreta com Deus, mas também cria uma conexão social oculta entre os participantes. Essa conexão é *quase musical*, acontecendo através de tom,

ritmo e tempo compartilhados em um nível subconsciente. Apesar da falta de significado claro (denotação), ocorre uma forma de interação social.

Na tentativa de explicar como a emoção e o sentir são articulados na glossolalia, Harkness (2021) apresenta as diferenças entre os praticantes no que diz respeito ao papel do "sentir" (kamdong, nūkkim) e das emoções (kamjōng) nas práticas glossolálicas e no discernimento espiritual. Alguns consideram as sensações perigosas, pois confundem prazer estético com vontade divina. Outros acreditam que a fé, se bem treinada e afetivamente sintonizada, guia a navegação na glossolalia e na prática espiritual em geral. O estudo apresenta um exemplo dessa última perspectiva, através de uma conversa entre duas diaconisas em uma igreja metodista de Seul. Elas discutem como a glossolalia emerge e como uma pessoa pode saber se está segura das forças demoníacas. Trata-se de um processo de contenção e diferenciação semiótica, onde a sensação excessiva do encontro com o Espírito Santo é domada através de limites lexicais e teológicos. Em síntese, o discernimento na glossolalia se baseia em um "senso refinado do sentimento; a diaconisa A usa um rico vocabulário de emoções e sentimentos para descrever as diferenças; a estrutura da conversa é comparada com os primeiros capítulos da Gênesis; os sentimentos são categorizados e situados como pontos de orientação na percepção; o processo se dá na interação comunicativa e envolve o conceito de "mentecore" (maūm); a relação entre linguagem e emoção é mediada por "fatos primários" na decomposição do discurso.

Quando partimos para a análise da glossolalia numa dimensão simbólica, do que ela possa significar numa relação que envolve linguagem, emoções e sentimentos, concluímos que se trata de um fenômeno complexo com diferentes interpretações e funções, assim como diversificado é o próprio movimento pentecostal, mas que seu estudo pode contribuir para a compreensão da linguagem, da emoção e da fé. É nesse sentido que Smith (2020), usando a teoria dos atos de fala para explicar um contexto de oração em língua por cura em um culto pentecostal, questiona: “Qual é a postura ilocutória daquele que ora e qual o efeito perlocutório sobre os que o ouvem, especialmente a pessoa que busca a cura”?

O meu parecer é que a elocução glossolálica também possui o efeito perlocutório de incentivar a fé no coração dos ouvintes (humanos) e encorajá-los a uma postura receptiva ao milagre. Em outras palavras, exatamente por meio da elocução de uma fala que não se encaixa nos padrões “normais” ou naturais, a pessoa que executa o ato de fala realiza em um nível linguístico o que se busca em um nível físico e corporal: uma “interrupção” do “normal” para dar lugar à cura. A oração, então, possui o efeito perlocutório de incentivar a abertura a essas interrupções. (Smith, 2020. p. 210)

Portanto, a fala em línguas estranhas é mais do que som incompreensível: é um ato de fé e um convite ao milagre. Tal exemplo evidencia como a cosmovisão pentecostal funciona, pois não só acredita em um Deus sobrenatural que interfere diretamente no “normal”, como busca experiências espirituais que visam o fortalecimento da fé individual e coletiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou o fenômeno linguístico da glossolalia, uma experiência religiosa rodeada por polêmicas e controvérsias, mas bastante estudado por pesquisadores das diversas áreas das ciências humanas e não somente da teologia. Nosso objetivo foi realizar uma revisão sistemática na literatura recente (2003-2023) sobre a glossolalia em pesquisas psicolinguísticas e neurocientíficas com um todo, contrastando os achados e abordagens metodológicas com os pressupostos da teologia pentecostal. Como resultado de nossa investigação, selecionamos 11 trabalhos que foram classificados em quatro categorias de análise de acordo com suas abordagens e propostas de discussão. Com isso, analisamos trabalhos que exploraram as possibilidades de aprendizagem verbal e estatística da glossolalia, os estados alterados de consciência durante a manifestação extática, as alterações e atividade cerebral durante a prática glossolálica e a complexa relação entre linguagem, emoção e fé.

As implicações para a compreensão de um fenômeno predominantemente entendido como sobrenatural, se analisado estritamente numa perspectiva racionalista, situam-se nas limitações encontradas para se analisar uma manifestação legítima fora do seu contexto habitual de prática. O caráter heterogêneo do movimento pentecostal implica em diversidade de base doutrinária e produz interpretações distintas para as experiências espirituais, principalmente a glossolalia. Logo, a diferenciação entre o pentecostalismo clássico e neopentecostalismo importa para a coleta e análise de dados experimentais, uma vez o objeto de pesquisa será abordado de maneiras diferentes em cada uma das correntes do movimento. Além disso, as bases doutrinárias do pentecostalismo clássico, ao contrário do que se observa nas vertentes neopentecostais, impõe mais dificuldade a uma sistematização meramente racional do *falar em línguas*, pois o fator determinante para a manifestação nesse caso não é o praticante, mas sim o Espírito Santo que “sopra onde quer”.

Nossas conclusões diante do exposto são que a glossolalia permanece sendo um fenômeno complexo que impõe diversas limitações para a análise científica comum, necessitando, portanto, de abordagens multidisciplinares que considerem além do material linguístico e cognitivo, os aspectos emocionais envolvidos na prática, oriundos de uma

cosmovisão pentecostal. Por fim, sugerimos possíveis novos caminhos investigativos que possam dar conta de outras dimensões, como o estado cerebral antes e depois da experiência, os efeitos fisiológicos de falar em línguas e análises comparativas entre a glossolalia produzida no pentecostalismo brasileiro e no restante do mundo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Isael de. **História do Movimento Pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. 176p.
- BAPTISTA, Selma. **Glossolália: o sentido da desordem**: A simbologia do som na constituição do discurso pentecostal. 1989. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, Campinas-SP, 1989. p. 294.
- BÍBLIA, N. T. Atos dos Apóstolos. *In*: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 1066-1067.
- BÍBLIA, N. T. 1 Coríntios. *In*: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 1133.
- FRANCIS, L.J.; ROBINS, M. Personality and Glossolalia: A Study Among Male Evangelical Clergy. *Pastoral Psychology* 51, 391–396 (2003).
- FREIRE, Silvana Matias. Glossolalias: ficção, semblante, utopia. 2007. 107f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.
- FRESTON, P. **Uma Breve História do Pentecostalismo Brasileiro: A Assembléia de Deus**. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 16, n.3, p. 104-129, 1994.
- HARKNESS, N. Glossolalia and cacophony in South Korea: Cultural semiosis at the limits of language. *American ethnologist*, v. 44, n. 3, p. 476–489, 2017.
- HARKNESS, N. La glossolalia, i qualia e la semiotica del sentimento. **Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio**, 2020.
- KAVAN, H. Glossolalia and altered states of consciousness in two New Zealand religious movements. *Journal of contemporary religion*, v. 19, n. 2, p. 171–184, 2004.
- KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013. 304p.

KÉRI, S., KÁLLAI, I. e CSIGÓ, K. Enhanced verbal statistical learning in glossolalia. **Cognitive science**, v. 44, n. 7, 2020.

LINK, S.;TOMASCHEK, F. Predictability associated with reduction in phonetic signals without semantics—the case of glossolalia. **Language and speech**, v. 67, n. 1, p. 72–94, 2024.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999, pp. 23-49;

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. 2. ed. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MOTLEY, Michel T. Uma análise linguística da glossolalia: evidências de processamento psicolinguístico único. **Communication Quarterly**, [s. l.], v. 30, ed. 1, p. 18-27, 1982..

NEWBERG, A. B. *et al.* The measurement of regional cerebral blood flow during glossolalia: A preliminary SPECT study. **Psychiatry research. Neuroimaging**, v. 148, n. 1, p. 67–71, 2006.

REEVES, R. R.; KOSE, S.; ABUBAKR, A. Temporal lobe discharges and glossolalia. **Neurocase**, v. 20, n. 2, p. 236–240, 2014.

ROCKOWER, H. **A Psychological and Neurological Study of Glossolalia**. Chrestomathy: Annual Review of Undergraduate Research, School of Humanities and Social Sciences, School of Languages, Cultures, and World Affairs, College of Charleston. v.10, p. 258-270, 2011

SAMARIN, William J. **Tongues of Men and Angels: The Religious Language of Pentecostalism**. 1 ed. Nova York: Macmillan Press, 1972, p. 120.

SIQUEIRA, Gutierrez. **Pneumatologia: uma perspectiva pentecostal**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023, p. 125.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WALTER, Y. et al. Brain structural evidence for a frontal pole specialization in glossolalia. **IBRO reports**, v. 9, p. 32–36, 2020.

WALTER, Y. Neural structural changes associated with ritual glossolalia (a preliminary study): Morphometrics on the expertise of praying in tongues. **SSRN Electronic Journal**, 2021.

YONG, A. Academic glossolalia? Pentecostal scholarship, multi-disciplinarity, and the science-religion conversation. **Journal of Pentecostal theology**, v. 14, n. 1, p. 61–80, 2005